

EXPERIÊNCIAS COM O LOCAL E O COTIDIANO NAS AULAS DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO

Diego Firmino Chacon¹

RESUMO

Este trabalho busca apresentar como os professores mobilizam os temas da História Local e do Cotidiano nas aulas de História, no Ensino Médio. O pressuposto teórico- metodológico que fundamentou essa investigação foi a pesquisa colaborativa cujo princípio norteador reside na produção de conhecimento científico vinculado à construção de espaços sistemáticos de reflexão e de formação docente. As estratégias para construção das fontes foram as entrevistas individuais e as sessões reflexivas. A pesquisa de campo teve duração de sete meses e foi realizada com três professores de História da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte. A partir da análise dos discursos, podemos compreender que existe um esforço por parte dos colaboradores em trazer experiências com o local e o cotidiano para sala de aula, no entanto, entendemos que essas tentativas estão bastante ligadas aos temas tradicionais da História Geral e do Brasil.

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Cotidiano; Ensino Médio; Pesquisa colaborativa.

1. PALAVRAS INICIAIS

As discussões construídas nesse trabalho surgiram a partir de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED-UFRN, que gerou a dissertação, intitulada “Ensinar/aprender a gostar de história: Saberes docentes e construção do conhecimento histórico escolar com professores de Arez-RN”. Neste artigo, propomos apresentar como os professores mobilizam os temas da História Local e do Cotidiano nas aulas de História, no Ensino Médio. Para materializar a investigação, tivemos a colaboração de três docentes de História, da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, residentes no município de Arez-RN.

As pesquisas de campo aconteceram na Escola Estadual Jacumaúma e nós as realizamos em um período de sete meses. As técnicas que nos apropriamos para construção das fontes foram as entrevistas individuais com cada professor-colaborador, auxiliadas pelo roteiro semiestruturado; e as seis sessões reflexivas desenvolvidas com todos os partícipes da investigação. Na compreensão de Ibiapina (2008) as sessões reflexivas são os contextos, os espaços favoráveis à reflexão, o lócus de construção da reflexividade. Sendo assim, elas se tornam ambientes colaborativos que motivam as reflexões intencionais e sistemáticas e proporcionam a mobilização de saberes docentes.

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN (PPGED).

O fundamento teórico-metodológico que nos aproximamos na elaboração da investigação foi a Pesquisa Colaborativa. Essa abordagem nos chamou a atenção pelo fato de ela ter entre seus objetivos a preocupação de vincular a produção de conhecimento sistemático à formação de professores, unindo, cada vez mais, as problemáticas acadêmicas aos anseios do contexto escolar. Corroborando as afirmações acima nos fala Ibiapina (2008) esse tipo de pesquisa aproxima a universidade da escola, uma vez que, de um lado, abarca o campo da investigação, no momento que o pesquisador entrelaça suas problemáticas com as preocupações dos docentes e contempla o campo da prática, quando o investigador reconhece a colaboração dos professores para pesquisar um determinado tema e, ao mesmo tempo, contribui para a formação contínua desses profissionais da educação.

Nas leituras posteriores deste artigo, teremos o contato com as falas dos docentes de História com relação à sua ação em sala de aula com temas da História local e do cotidiano; e na última parte, apresentamos uma síntese dos resultados construídos no processo de investigação.

2. VOZES DE PROFESSORES DE HISTÓRIA ACERCA DE EXPERIÊNCIAS COM O LOCAL E O COTIDIANO

No decorrer da investigação, durante as sessões reflexivas e entrevistas individuais, os professores-colaboradores apontaram aspectos relacionados ao trabalho com temas do cotidiano e da História Local na disciplina de História. Refletir sobre estes aspectos pode auxiliar a melhor compreender como os docentes interioranos de História lidam com eles em sala de aula.

O aparecimento, nesse tópico, da relação entre a História Local e do cotidiano acontece em decorrência das aproximações das nossas ideias com as de Bittencourt (2004). Esta autora afirma que esses dois eixos estão constantemente se entrelaçando e se ligando nos estudos da História Escolar. Isso ocorre, pois estas abordagens fazem os indivíduos participarem de uma História para muitos sem relevância, cruzando grupos sociais de trajetórias distintas, tanto no presente, quanto no passado.

Ademais, desde a década de 1990, com a publicação dos PCN e as reformulações curriculares estaduais, os professores vêm se apropriando desta temática de História no Ensino Básico. Por isso, julgamos importante compreender como os colaboradores lidam com esta temática em sala de aula.

1.1 Experiências de Emília

A colaboradora Emília exemplifica como os assuntos locais surgem nas suas aulas de História. Estes são pensados a partir de uma relação estreita com os temas de maior abrangência. O estudo do conteúdo de “Intentona Comunista” levou ao conhecimento e a reflexão das possibilidades de se inserir nas aulas representações dos acontecimentos da realidade do lugar:

Esta semana, nós estamos na 3ª Série trabalhando sobre a “Era Vargas” de 1930 até 1945 e falamos sobre a “Intentona Comunista”. E o livro do Cláudio Vicentino, ele traz um texto, uma espécie de depoimento (...) e entre os municípios do RN [Rio Grande do Norte] que aconteceu assim de ter um grupo pra uma espécie de controle, Goianinha está lá. Aqui em Arez, André² publicou recentemente (...) um livro que fala sobre uma figura de Arez (...) que teve participação na Intentona Comunista e eu não sabia disso. Quer dizer se eu tivesse esse conhecimento alguma coisa mais, eu tinha feito a ponte (...) entre a História local, a nacional e a mundial, porque nós não estamos isentos disso (Colaboradora Emília, 2ª Sessão Reflexiva, em 11/07/2012).

Para Emília, o conhecimento de fatos da História Local, relacionados à chamada “Intentona Comunista”, possibilitaria um trabalho em que o professor poderia estabelecer relações entre os diversos níveis dos episódios históricos, desde o mais específico até o mais geral.

Nesse sentido, o local não é trazido para a sala de aula como uma maneira de construir um sentimento de exaltação dos episódios do lugar e nem com o fim de se prender em uma visão “bairrista”. Pelo contrário, esta abordagem de glorificação do lugar, segundo Fonseca (2003, p. 155), dificulta uma formação problematizadora no ensino de História. Os princípios dessa concepção reducionista se caracterizam por ser “(...) uma entidade distinta e separada, fenômeno único, como um conjunto cultural com periodização própria.”

Este não parece ser o caso da compreensão de Emília, da qual podemos inferir um intuito relacional, ou seja, os eventos da História Local são percebidos como ligados a outros

² André Valério Sales é um escritor dedicado aos estudos do folclore regional e a História de Arez. Reside em uma comunidade rural deste município (Nascença) e publicou diversos Livros. Entre eles, destacamos: SALES, André Valério. **Lugares e Personalidades históricas de Arez/RN**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2012.; **Guerra de Canudos: Os sertões (de Euclides da Cunha) e a História de um Herói Potiguar**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2010.; **Câmara Cascudo: o que é folclore, lenda, mito e a presença lendária dos holandeses no Brasil**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2007; **Câmara Cascudo: sua teoria folclórica, o método de pesquisa e sua relação política com as classes populares**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2007.

do Brasil e até do mundo. Cabe ao docente orientar seus alunos tendo essa preocupação de estabelecer pontes entre esses assuntos. Sobre este aspecto nos alertam Nogueira e Silva:

Não se pode nem supervalorizar o regional nem apresentá-lo apenas como um complemento do nacional. A História Local ultrapassa os limites do município e se integra à história geral, não apenas como um dado disperso, mas como parte de um todo mais complexo (NOGUEIRA; SILVA, 2010, p. 4).

Podemos, também, observar na fala anterior da partícipe que o estudo da História Local, nesse momento, ficou entendido apenas como conhecimento de acontecimentos do passado. Era necessário conhecer sobre a participação de indivíduos dos municípios na “Intentona Comunista” para se concretizar o trabalho com a temática do lugar nas aulas de História.

Ao pensar dessa maneira, estabelece-se um distanciamento entre a História Local e o cotidiano dos alunos, uma vez que não se parte da realidade do presente, mas se limita apenas a dimensão do tempo passado, do passado local para o geral. Compreendemos que isso se dá em decorrência de que, mesmo com as discussões surgindo a partir do lugar em que acontecem as aulas de História, estas ainda são orientadas pelos temas mais gerais dominantes na historiografia escolar. Assim, o local, no conhecimento histórico escolar, permanece preservando os mesmos princípios norteadores da História nacional.

Mesmo havendo, uma ênfase limitada nos acontecimentos pretéritos, a compreensão de Emília acerca da mobilização dos fatos locais não pode ser reduzida à mera ilustração da aula de História. O estudo do lugar, para ela, serve para apresentar como em espaços diferentes, em um mesmo período, os homens tinham modos distintos de viver. A partícipe tenta expor sua ideia, com um exemplo do conteúdo sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945),

Porque estabelece assim essa relação que nós estamos aqui em Arez, mas a coisa aconteceu em torno de nós. [mostrar] A maneira das outras pessoas também viverem. Como eu caminho aqui, como foi que o Brasil participou? Por que aquele povo foi para a Guerra? Foi para a Guerra porque foi? (...) Foi o governo brasileiro que faz também essa opção, não vai ficar sozinho todo mundo está mudando, porque eu vou ficar. E em Guerra e política as pessoas tomam decisões (Colaboradora Emília, 6ª Sessão Reflexiva, em 07/11/2012).

A preocupação em demonstrar as diferenças dos acontecimentos e processos sociais nos espaços locais e nos mais gerais contribui para distanciamento de um conhecimento

histórico homogêneo que tem como referência única os acontecimentos, principalmente, aqueles ligados ao sul e ao sudeste do Brasil. Com isso, começamos a perceber uma abertura para visões mais heterogêneas sobre os processos históricos, concomitante a uma abertura para o conhecimento sobre como foram sendo constituídas as realidades mais próximas dos alunos.

Na concepção de Bittencourt (2004), esse contraste entre Histórias nacionais e gerais, nas quais reside uma compreensão mais homogênea e voltada para apontar as semelhanças dos fatos; e as Histórias regionais e locais, com suas potencialidades de discutir as heterogeneidades e as diferenças dos episódios, fazem com que esta última abordagem seja a cada dia mais apropriada pelos professores da disciplina nas suas salas de aula.

Um outro aspecto destacado por Emília expressa a sua atenção para com a preservação da memória do município. Esta não se resume ao tradicional recolhimento de narrativas de líderes políticos ou de pessoas consideradas ilustres. Seu foco se volta para os acontecimentos construídos por indivíduos comuns cujas memórias individuais podem oferecer contribuições para o confronto com as memórias sociais já instituídas,

Na segunda Guerra Mundial o pai de Marechal³ (...) contava a História de um rádio, que eles tinham uma sintonia com um piloto americano que veio para cá pra Arez que fugiu. Ele contava essa História, mas só que não havia nenhuma preocupação de registrar isso, do registro dessa memória, que é interessante a gente conhecer até para ajudar os alunos da gente a fazer uma relação (Colaboradora Emília, 2ª Sessão Reflexiva em 11/07/2012).

O trecho acima nos conduz a inferir que a docente pontua a distinção, nem sempre comum, entre o conhecimento histórico e a memória. As memórias são vistas por ela como fontes, capazes de trazer contribuições para o ensino de História por meio de sua utilização na construção de relações entre os conteúdos trabalhados e a História do lugar. Sobre essa relação entre História e memória, Bittencourt (2004, p. 170) escreve: “A memória (...) não pode ser confundida com a história, como advertem vários historiadores. As memórias precisam ser evocadas e recuperadas e merecem ser confrontadas. (...) Mas nenhuma memória, individual ou coletiva, constitui a história.”

A abertura em reconhecer nos discursos orais dos homens simples da localidade, por meio do registro da memória, documentos capazes de colaborar no desenvolvimento da

³ O senhor Sebastião (in memoriam) residia em Arez. Participou e motivou diversas manifestações folclóricas no município, como as apresentações carnavalescas de Lampião e os desfiles cívicos das escolas públicas.

História Escolar propiciam uma ação didática que preza pela diversificação das fontes de estudo. Isso faz com que não sejam levados em consideração, nas discussões sobre a História Local, apenas os documentos oficiais de cunho político-administrativo, os quais são responsáveis em muitos casos por perpetuar uma única visão, aquela dos grupos que se encontram no poder. No entendimento de Fonseca (2003) as vantagens de se ampliar os tipos de fontes nos estudos em História Local na Escola Básica e, principalmente, a da fonte oral reside no fato de ela ser “(...) capaz de ampliar a compreensão do contexto, de revelar os silêncios e as omissões da documentação escrita de produzir outras evidências, captar, registrar e preservar a memória viva.” (FONSECA, 2003, p. 155)

A professora Emília também expõe outras maneiras de desenvolver os temas da História local na disciplina de História. Os projetos de ensino são destacados como meio para se estudar, em maior profundidade, temas da realidade local:

(...) Desenvolver um projeto na área de Trabalho e Consumo ou Trabalho e Sociedade, que aí você vai ter como trabalhar essa questão do seu ambiente com relação às questões ambientais mesmo, degradação do ambiente, fazer uma ponte com a História da devastação da mata atlântica e relacionar isso, porque (...) nós estamos rodeados pela questão da cana-de-açúcar é necessário estabelecer essa ponte. (Colaboradora Emília, 5ª Sessão Reflexiva, em 24/10/2012)

Como observamos, o projeto busca propiciar aos alunos o entendimento de aspectos da dinâmica do lugar. No entanto, não parece pretender limitar as respostas das reflexões apenas a elementos inseridos no presente. O conhecimento histórico surge como elemento central, a partir das inquietações surgidas no estudo da temática. Assim os discentes podem procurar respostas em outras temporalidades do passado para compreender como aconteceu a constituição do seu entorno. Ou seja, os porquês de ser desse modo, e não de outros, as realidades com que eles convivem todos os dias.

Nesta perspectiva, em primeiro lugar, o conhecimento histórico escolar passa a se relacionar com o cotidiano por meio do movimento entre presente-passado-presente. Esta ligação ocorre pelo fato de que os temas propostos no projeto têm como princípio e finalidades temas da realidade atual, que são inseridos em uma dimensão de explicação temporal. O trabalho com a História do lugar se mostra, como afirma Schmidt (2007), como uma estratégia interessante para os educandos reconhecerem sua própria historicidade e a de outros indivíduos. Isso colabora para a construção de um sentimento de pertença consciente,

capaz de contribuir para a superação de visões e atitudes preconceituosas. Conforme arremata Schmidt (2007):

(...) a inserção do aluno na comunidade da qual ele faz parte [objetiva] criar a sua própria historicidade e produzir a identificação de si mesmo e também do seu redor, dentro da História, levando-o a compreender como se constitui e se desenvolve a sua historicidade em relação aos demais, entendendo quanto há de história em sua vida que é construída por ele mesmo e quanto tem a ver com os elementos externos a ele – próximo/ distante; pessoais/estruturais; temporais/espaciais. (SCHMIDT, 2007, p. 190).

Podemos, agora, perceber porque as ações concretizadas, através da elaboração de projetos, mobilizam explicações históricas mais complexas as quais exigem, tantas vezes, conteúdos mais abrangentes para entender a constituição da realidade mais próxima. Para Barbosa (2006) este tipo de estratégia no estudo da História local, em que se compreendem os fatos do presente como possibilidade de resgatar representações sobre o passado, torna o conhecimento histórico escolar significativo. Isso ocorre por serem os alunos motivados a um exercício constante de sistematização do raciocínio histórico por meio da observação dos processos sociais da coletividade em que vivem ou do seu entorno.

A colaboradora Emília também destaca que para o estudo da História Local é necessário a utilização de outros espaços além da sala de aula.

Há uma ausência disso, desse trabalho. Uma visita a Usina Estivas, é uma coisa de você tentar fazer, agora com um projeto realmente bem elaborado para você fazer aulas junto com outras pessoas para você aproveitar essa oportunidade discutir a nossa formação social. A questão da miscigenação, a questão da exploração mesmo, porque tem pessoas hoje dentro do sistema que a gente vive socialmente que elas são donas de tanta terra e a grande parcela da população não tem um chão para morar (Colaboradora Emília. 5ª Sessão Reflexiva, em 24/10/2012)

Emília expressa clareza de que uma visita aos lugares significativos do município, nesse caso a “Usina Estivas”, não pode ser feita de qualquer modo. Trata-se de uma situação de ensino-aprendizagem que deve ser planejada e sistematizada com a finalidade de mobilizar discussões sobre os temas propostos para estudo.

Nesse sentido, podemos inferir que a docente compreende a História Local, não só como conteúdo, mas também em uma perspectiva metodológica. Esta se aproxima da concepção do estudo do meio, que de acordo com Schmidt (2007) é visto como um recurso pedagógico diferenciado que propicia aos educandos obter, progressivamente, o olhar questionador sobre o mundo de que fazem parte. Ao enfatizar sua preocupação no

planejamento das visitas de estudo, Emília mostra-se ciente das possibilidades pedagógicas desse procedimento e o compreende como uma oportunidade de aprendizagem mais significativa e dinâmica.

No entendimento de Proença (1990) o estudo do meio possibilita um ensino ativo e atraente da História Escolar, colaborando assim para concretização de um processo de ensino-aprendizagem no qual os alunos realizam práticas integradoras com a realidade que os circunda. Nas atividades da disciplina esta metodologia pode ter diferentes finalidades, como a motivação para a apropriação de novos conhecimentos históricos, a busca por consolidar saberes já estudados em sala de aula e como alternativa para sintetizar e avaliar a aprendizagem de temas desenvolvidos nos bimestres ou unidades de ensino. Para efetivar estes objetivos, a autora sugere que os professores tenham a preocupação com um planejamento e organização antecipada sobre os passos a serem dados nas visitas de estudo. Na concepção de Proença (1990, p. 142-143) a relação entre o estudo do meio e a História Local propicia:

(...) a inserção do aluno na realidade do passado da comunidade contribuem para lhe possibilitar uma melhor compreensão da sociedade em que vive e na qual virá a intervir.

O recurso às fontes locais permite familiarizar o aluno com o método de pesquisa histórico e contribui para o desenvolvimento de capacidades e competências específicas como o rigor de análise, o pensamento reflexivo, o senso crítico.

1.2 Experiências de Elza

Para a colaboradora Elza a intenção de mobilizar elementos do cotidiano, nas aulas de História, aparece em uma das sessões reflexivas, no momento da videoformação. A aula escolhida pela partícipe (observada em 18/09/2012) tinha como tema: “A Revolução Industrial”. Durante o desenvolvimento das atividades, os alunos participaram apresentando suas produções de jornais e de letras de músicas norteados pela temática.

No decorrer da sessão, os demais colaboradores indagaram Elza sobre os objetivos desta aula. Segue a sua explicação:

A relação com o dia-a-dia, com o sistema em si (capitalismo), a importância do estudo, incentivar a busca maior no estudo para que ele pudesse refletir. Puxei também para o nosso dia-a-dia com relação ao trabalho em si, a única indústria que nós temos em Arez é a Usina Estivas: O que ela está exigindo do trabalhador? Quem realmente está trabalhando lá? Quais os cursos que eles precisam? Os técnicos que

precisam? Para que ele tivesse uma visão de que a importância da Revolução Industrial não foi só aquele momento em que teve a quebra de máquinas. (Colaboradora Elza, 5ª Sessão Reflexiva, em 24/10/2012)

Na fala acima, Elza afirma trabalhar com aspectos do cotidiano no intuito de construir nos alunos uma capacidade de reflexão capaz de elaborar ligações entre duas dimensões da realidade no presente. Uma, no espaço mais próximo, no entorno do discente; e outra, em uma esfera bem mais abrangente, o próprio sistema capitalista atual.

Há também uma busca de relacionar os acontecimentos do passado aos atuais, ao mostrar para os educandos que temas desenvolvidos na História Escolar fazem sentido para a vida deles. Esse vínculo entre fatos de temporalidades distintas é feito por meio das estratégias que levem os discentes a perceber influências de episódios do passado no presente. Ao trabalhar desse modo centraliza-se a ênfase do ensino de História nos aspectos relacionados à persistência dos eventos no tempo.

Além disso, observamos nesse caso que os temas já consolidados na historiografia escolar também podem fazer surgir a discussão sobre o cotidiano e o local. Podemos inferir que, na perspectiva da docente, os acontecimentos atuais do lugar, o específico, são explicados como consequências de relações mais gerais, ligadas aos episódios abrangentes do Brasil e do cenário mundial. Assim, continua-se priorizando uma explicação homogênea e uniforme sobre os processos históricos e não se enfatiza aquilo que, na compreensão de Nogueira e Silva (2010), seria o principal mérito do estudo da História Local: levar os alunos a se apropriarem das singularidades e diversidades. Como essas autoras mesmas dizem: “Na história local não há tempo único, mas tempos sociais.” (NOGUEIRA; SILVA, 2010. p. 233).

Em outro momento, Elza aponta que o conhecimento histórico escolar a ser prioritariamente desenvolvido com os alunos é aquele orientado pelos manuais didáticos de História Geral e do Brasil. Os temas do cotidiano são concebidos como exemplificações que surgem no decorrer das aulas. E seu principal objetivo é o de familiarizar os alunos com os conteúdos:

A questão da História Política, eu dei mais exemplo, mas eu gosto de trabalhar no plano os conteúdos, né?! E deles ir puxando para nosso dia-a-dia pode ser política, dependendo do assunto, depende dele, não fujo do conteúdo de forma alguma, se for trabalhar Grécia a gente trabalha Grécia, se for trabalhar Brasil a gente trabalha Brasil, mas dando exemplos, né?! De nosso dia-a-dia, puxando pra essas questões de hoje. Quando a gente trabalha a tal sociedade, sociedade tal, a gente vai associando, né?! Para que eles possam ter essa compreensão de que os assuntos são próximos de nossa realidade. (Entrevista da colaboradora Elza, em 05/05/2012)

Na concepção de Monteiro (2007) as exemplificações fazem parte das aulas de História no Ensino Médio e possuem, como característica marcante, o estabelecimento do diálogo entre o campo disciplinar e a realidade dos educandos. Esta realidade é marcada por “(...) saberes referentes ao tempo presente e oriundos do senso comum.” (MONTEIRO, 2007, p. 170). Ao mobilizar os conhecimentos sobre a realidade local em uma perspectiva direcionada para o uso de exemplos, Elza aparenta não contemplar a preocupação de desenvolver nos discentes uma postura problematizadora sobre o entorno em que vivem, com o intuito assim de motivar a busca dos educandos por outros saberes. Seu interesse parece residir no fato de que os alunos tenham um aprendizado mais agradável por meio de elementos que os aproximem de suas experiências cotidianas.

1.3 Experiências de Sérgio

O colaborador Sérgio reconhece que seu trabalho com a História Local de modo sistematizado, mostra-se pouco expressivo. Na sua concepção, este é um ponto a ser reavaliado na sua prática:

Sinceramente, o que eu trabalho pouco é a História Local é a História da região aqui, quase nada. Apenas quando estava dando História do RN [Rio Grande do Norte], dentro da História do RN [Rio Grande do Norte], eu puxava um pouco para o local, mas História do Brasil e Geral, eu relaciono pouco, eu acho que é até um defeito meu, considero isso, como um defeito meu. É uma coisa assim que está afastada das raízes locais é até uma coisa que eu tenho, tenho de melhorar. Eu acho que é uma falha minha isso. (Entrevista do colaborador Sérgio, em 27/04/2012)

O colaborador admite que a organização do conhecimento histórico escolar, nas suas aulas, fundamenta-se na tradição disciplinar e didática da área. Esta leva em consideração os chamados grandes períodos da História Geral, do Brasil e do Estado. Podemos inferir que no momento em que prioriza tal modelo, o professor sente dificuldades, tanto para se desvincular dos conteúdos que exigem esta macrocompreensão do processo histórico, quanto em se aproximar dos temas e assuntos da História Local e do Cotidiano. Como evidencia Barbosa (2006), o docente tem de ousar em romper com a representação já naturalizada de que esta organização é a única possível para o ensino de História na educação básica:

A apreensão da própria dinâmica da sociedade suscitada pelo movimento da história acaba trazendo às claras práticas sociais que, para o seu estudo e entendimento,

demonstram a necessidade da superação do enclausuramento a que o quadripartismo condenou a história, buscando livrar da sua compreensão e, portanto, do seu ensino, o peso da rígida estrutura eurocêntrica (BARBOSA, 2006, p. 59).

O próprio participante Sérgio afirma haver, nas aulas de História este distanciamento em relação à História do lugar, uma espécie de separação da realidade local. A inquietação deste colaborador não é uma constatação isolada e parece decorrer, dentre outros motivos, da compreensão ainda existente entre os docentes, de que o livro didático é o guardião de alguns conteúdos prontos a serem desenvolvidos nas aulas. Sobre esta primazia do livro didático na organização dos conteúdos de História nos relata Barbosa (2006, p.60. Colchetes nosso): “(...) constatamos a tendência [dos professores] em ministrar o conteúdo do livro didático como saber concreto, pronto (...) O que acontece, então, é que recorrem ao livro didático como salvador da pátria, na definição do seu trabalho em sala de aula”.

Se o afastamento de trabalhos com assuntos do lugar e do cotidiano constrói esse sentimento de não pertencimento no docente Sérgio, Barbosa (2006, p. 62) aponta que as decorrências para os alunos mostram-se ainda mais preocupantes. Para ela, o ensino de História desvinculado das experiências cotidianas dos educandos gera a perda do sentido e da utilidade do conhecimento histórico escolar por parte dos próprios alunos. Por conseguinte, a postura destes alunos “(...) se apresenta na forma de aversão ou de apatia frente ao que é ensinado, quando afirmam que não sabem para que estudam isso ou que a história não tem função ou sentido (...)”. Tudo isso não apenas para a História Escolar e frente ao conhecimento histórico, mas nas próprias atitudes do indivíduo como cidadão.

Na 5ª Sessão Reflexiva, os demais colaboradores notaram que Sérgio apresentou várias colocações sobre aspectos da realidade do município, na aula escolhida para a videoformação (observada em 26/07/2012). Fez referências aos prédios, às ruas e às atividades econômicas do lugar. No decorrer dessa aula foram trabalhados o resumo de alguns temas da História do Brasil e Geral por meio de apresentação de seminário pelos discentes. As apresentações eram intercaladas pelas sistematizações do professor.

Embora a aula não tenha sido sobre um tema específico do cotidiano ou da História Local, pudemos observar uma tendência significativa de Sérgio em fazer relações entre temas tradicionais da História do Brasil e Geral com aspectos vivenciados na realidade dos alunos. Indagado sobre qual era o intuito em fazer esse trabalho na disciplina de História, sua resposta foi:

Para que o aluno possa perceber que nós não estamos em uma ilha isolados e que muitas coisas que existem aqui vieram lá da Europa. Até na Reforma Protestante mesmo, uma coisa que bati muito é que a gente tem de parar de pensar na Reforma Protestante como algo que aconteceu na Europa no século XV e XVI, mas que aqui em Arez tem uma influência muito forte do próprio acontecimento, não só aqui em Arez, mas no Brasil com as Igrejas de caráter Protestante e existem Igreja de Caráter Católico. Foi um fato que chegou até nós. Na questão da Colonização da cana-de-açúcar também, eu falei um pouco sobre aqui [Arez], porque aqui tem vários plantios de cana-de-açúcar. (Colaborador Sérgio, 5ª Sessão Reflexiva, em 24/10/2012)

O colaborador expressa um claro objetivo de levar os educandos, por meio da associação entre o geral e o local, à construção de um raciocínio temporal que os ajude a explicar aspectos da sua realidade imediata. Na concepção de Sérgio, a referência aos acontecimentos históricos mais abrangentes é capaz de romper com uma percepção isolacionista do cotidiano.

Estas associações baseiam-se em uma relação de dependência, que já foi discutida aqui, em que os acontecimentos locais são compreendidos como consequência das relações gerais. Assim não há, nesse tipo de atividade, uma preocupação voltada em apontar elementos da especificidade do lugar que mostre as descontinuidades e diferenças com relação aos fatos estudados nos temas da História do Brasil e Geral. A prioridade aqui reside em apontar as marcas de processos históricos mais gerais, no cenário local.

O professor Sérgio tenta realizar certa aproximação entre os alunos e a História Escolar, trazendo aspectos da realidade do município para sala de aula. Esse trabalho tem como uma de suas características o esforço em traçar associações em torno de elementos visuais significativos do município como igrejas, museus, cabarés, usinas, culturas agrícolas específicas e outros. Ao direcionar a atividade nesse sentido, o professor busca dar ciência aos alunos de que no presente de sua localidade existem traços dos processos históricos estudados nos conteúdos da disciplina de História.

Ressaltamos, também, que os monumentos materiais mobilizados pelo professor não estavam restritos apenas aqueles associados à memória e ao poder oficial, o que indica sua ampla compreensão sobre o que se pode trabalhar como lugar de memória nas aulas de História. Assim, aproxima-se da ideia de Bittencourt (2004) que concebe todo meio como histórico, pois os elementos que o constitui encontra suas referências em uma determinada temporalidade. “(...) Todo meio, rural ou urbano, está situado no tempo. Possui uma história e esta história deixou suas marcas.” (LUC 1981, Apud BITTENCOURT, p. 279).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho dos professores interioranos de História, colaboradores nesta pesquisa, observamos esforços em inserir nas discussões das aulas aspectos ligados ao local e ao cotidiano. Porém, mesmo com o entendimento de uma das colaboradoras de que a formação de um projeto para se desenvolver o estudo destes temas se torna uma maneira mais eficaz de se aprofundar as discussões, o que verificamos de modo mais frequente foi à convivência entre as temáticas consagradas de História Geral e do Brasil e itens do local e do cotidiano. Essa convivência ocorreu de maneiras diversificadas. Em alguns momentos os eventos do lugar são compreendidos como relacionados aos do Brasil e do mundo e são compreendidos como acontecimentos restritos apenas ao passado. Logo, o objetivo do estudo do lugar, neste caso, reside em apresentar os diferentes modos de viver nos distintos espaços em uma mesma época.

Em outros, as temáticas do cotidiano são vistas como exemplificações cujo intuito se direciona em familiarizar os alunos com os conteúdos da disciplina. Além disso, existem ocasiões em que ocorre um trabalho associativo entre o geral e o local, tendo como finalidade construir um raciocínio temporal que ajude os alunos tanto a encontrar sentido nas situações imediatas de sua realidade, quanto em realizar rupturas com uma compreensão isolacionista do cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de História: do Geral ao Local, Relevância e Significado. **SAECULUM – Revista de História**. João Pessoa, jul./dez. 2006.
- BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: _____. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 11-27.
- _____. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências humanas e suas tecnologias**. MEC/SEMT: Brasília, 2000. v. 4 (Ensino Médio).
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. São Paulo: Papirus, 2003.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 175-185.
- IBIAPINA, Ivana Maria. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Liber Livro, 2008.

- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva; SILVA, Lucilene Nunes. Os desafios para a construção de uma história local – o caso de Leopoldina, Zona da Mata de Minas Gerais. **Polyphonia**, v. 21/1, p. 229-242, jan./jun. 2010.
- PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/aprender história: questões de didática aplicada**. Lisboa: livros horizontes, 1990.
- RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o Ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2011.
- SALES, Valério Sales. **Lugares e Personalidades Históricas de Arez/RN**. João Pessoa: UFPB, 2012.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 187-198.
- SOUTO, Paulo Heimar. **É como se tivesse a roça e faltasse a enxada: formação em serviço de professores de História no Interior sergipano**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2008b. 249p.